



Acerca do ressentido e de sua (im)possibilidade de libertação em Nietzsche

Palavras-Chave: ressentimento, perspectiva, fisiopsicologia

Autores:

Lucas Pires Ramos, IFCH – UNICAMP

Profa. Dra. Monique Hulshof, IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Embora Friedrich Nietzsche tenha sido reconhecido sobretudo por suas críticas à tradição, estas, para além delas mesmas, se baseiam e se edificam em um diagnóstico, no qual a vida ressentida aparece como condição doentia. Essa condição, todavia, não é una, uma vez que há diferentes configurações do ressentimento e este pode ocorrer em diferentes tipos de pessoas. Isso poderia justificar por que, na *Genealogia da Moral*¹, quase não parece haver possibilidade de se libertar do ressentimento, enquanto que, em *Ecce Homo*, Nietzsche afirma ter se libertado dele. Para tratarmos dessa problemática, pontuemos (1) as condições para que surja o ressentimento e (2) as possibilidades de impedi-lo. Em seguida, mostremos, caso o ressentimento não seja impedido, (3) quais são as suas configurações que se seguem. Por fim, exporemos (4) a possibilidade de se libertar dessas configurações subsequentes e (5) as condições fisiopsicológicas para que se possa se libertar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

1. As três condições para o surgimento do ressentimento

Em GM III 15, Nietzsche aponta diretamente onde supõe “encontrar a verdadeira causa fisiológica do ressentimento, da vingança e quejandos”: “em um desejo de *entorpecimento* <Betäubung> da dor através do afeto”. A partir dessa suposição, podemos pontuar três condições para que surja o ressentimento. Primeira: a “dor original”. Não há ressentimento sem dor e qualquer acontecimento considerado doloroso pode servir como condição para o ressentimento. Trata-se, portanto, de que *algo seja interpretado como doloroso por alguém*, o que denominaremos, assim como faz Poellner (2011, p. 123), de “dor original”. Segunda: a persistência da “dor original” na consciência. Na medida em que a

¹ Neste texto, foram utilizadas as seguintes siglas das obras de Nietzsche: O Anticristo (A); Ecce Homo (EH); Genealogia da Moral (GM). Os capítulos “Por que sou tão sábio” e “Por que sou tão inteligente” de *Ecce Homo* foram reduzidos, respectivamente, para “sábio” e “inteligente”.

interpretação do acontecimento como doloroso persiste, a “dor original” também persiste e ocupa a consciência. Trata-se, portanto, de *continuar interpretando um acontecimento como doloroso*. Terceira: o ideal ascético com a perspectiva da culpa. Tendo a consciência sido preenchida por uma “dor original” constante, deseja-se entorpece-la, isto é, removê-la ao menos momentaneamente da consciência. Na busca dessa mitigação do sofrimento (GM III 17), encontra-se o meio para tal sobretudo em “algum excesso de sentimento” (GM III 19), pois todo grande afeto, segundo Nietzsche, tem a capacidade de “Desatar a alma humana de todas as suas amarras, [...] de tal modo que ela se liberte como que por encanto de todas as pequeninas misérias do desgosto, da apatia, do desalento” (GM III 20). Para tanto, tal afeto deve ser descarregado subitamente. Um afeto, todavia, tornar-se-á “grande” apenas na medida em que for excitado. É preciso de um *pretexto* para a excitação afetiva (GM III 15), e este é fornecido tradicionalmente ao se justificar o sofrimento: “Alguém deve ser culpado de que eu esteja mal” (GM III 15). É justamente a noção de culpa que serve de pretexto para a excitação dos afetos. Com a perspectiva da culpa, tenta-se entorpecer a dor através de uma descarga repentina de afetos, o que é precisamente “a verdadeira causação fisiológica do ressentimento”. A terceira condição para o surgimento do ressentimento, portanto, é a *aderência ao ideal ascético*.

2. As possibilidades de se evitar o surgimento do ressentimento

Uma vez que são necessárias três condições para que o ressentimento surja, abrem-se três possibilidades de impedi-lo. Primeira: a não interpretação da “dor original”. A “dor original” remonta a um “acontecimento”, mas com aspas, porque nenhum acontecimento é separável daquele que o interpreta. “Tudo o que acontece é um grupo de fenômenos *escolhidos* e reunidos por um ser interpretante”². Embora isso não implique que se possa *nunca sofrer*, pode-se sofrer *de modo diferente e por coisas diferentes*. Nietzsche propõe uma revisão do que se costuma interpretar como doloroso e revela os perigos dessas interpretações, como a compaixão. É preciso mudar a perspectiva. Segunda: o esquecimento da “dor original”. Mesmo que um acontecimento tenha sido interpretado como doloroso, se ele não persistisse na consciência, não haveria risco de se ressentir. Pode-se, em outras palavras, não se ressentir, na medida em que *se esquece da “dor original”*, o que ocorre apenas caso o “aparelho inibidor” <*Hemmungsapparat*> impeça que as vivências passadas retornem à consciência (GM II 1). A segunda possibilidade de se impedir o ressentimento depende, portanto, da funcionalidade do “aparelho inibidor”. Terceira: resignificação ou abdicação da perspectiva da culpa. Mesmo que um acontecimento seja interpretado como doloroso e persista na consciência, não necessariamente se deve buscar um culpado. Contra a perspectiva da culpa, Nietzsche nos serve *ao menos* de três exemplos: a *Boa Nova* de Cristo com a abolição do “pecado” (A 33), a *higiene* de Buda com a oposição à vingança (A 20) e o *amor fati* do próprio Nietzsche com o amor ao destino (EH, “inteligente”, 10).

² Fragmento Póstumo 1 [115] do outono de 1885/primavera de 1886

3. O ressentimento que envenena e o ressentimento ímpar

Caso não tenha sido impedido, o ressentimento pode desdobrar-se em outras configurações. Primeira: o ressentimento que envenena. Quando a tentativa do ressentido de descarregar seus afetos no agente considerado culpado é frustrada devido a sua impotência, o ressentimento começa a *envenenar*. O ressentimento designa aqui “uma obstrução da ação que se desenrola numa indigestão psíquica e num envenenamento produzido pela sua não ação” (PASCHOAL, 2014, p. 42). Inicia-se aqui um longo processo de debilitamento que encontrará seu auge no ressentimento ímpar. Faltando os meios de realizar a descarga, “o homem do *ressentimento* está em risco de tornar-se um caco mental” (ELGAT, 2017, p. 43, grifo do autor). Segunda: o ressentimento ímpar. A ânsia e o desejo impotente de vingança podem levar ao rápido esgotamento do doente incapaz de agir, o que apenas o aprofunda em sua debilidade (GIACOIA, 2020, pp. 30-31). Vivendo a partir da fraqueza, o *instinto de defesa e de ataque* do ressentido são esmorecidos: de nada se sabe rechaçar, de nada dá conta, tudo fere (EH, “sábio”, 6). Continua-se reagindo justamente pela contínua excitação dos afetos, pela persistência da perspectiva da culpa. “Uma vez que não há à disposição força suficiente para assimilar a dor de outra maneira [...] desperdiça-se as poucas forças à disposição ao inseri-las no ressentimento” (BRUSOTTI, 1992, p. 109, nota 48). “O ressentimento é o proibido *em si* para o doente — *seu* mal: infelizmente também sua mais natural inclinação” (EH, “sábio”, 6).

4. A possibilidade de libertação do ressentimento que envenena e o ímpar

Tanto no caso do ressentimento que envenena quanto no ressentimento ímpar a contínua reação do ressentido o debilita ainda mais. Nesse caso, “o doente tem apenas um grande remédio”, o qual Nietzsche chama “de *fatalismo russo*, aquele fatalismo sem revolta, com o qual o soldado russo para quem a campanha se tornou dura demais finalmente se deita na neve” (EH, “sábio”, 6). “Porque nos consumirmos muito rapidamente se reagíssemos, não reagimos mais: esta é a lógica” (EH, “sábio”, 6). Deve-se, portanto, parar de reagir, e, para tanto, mudar sua perspectiva.

5. Condições fisiopsicológicas para o impedimento ou a saída do ressentimento

Com a noção de “vontade de potência”, Nietzsche compreende o mundo como um incessante conflito de forças, que se agrupam e desagrupam em busca de potência. Sendo-as distintas entre si apenas pela quantidade e pela perspectiva particular de cada uma, não se pode atribuir a elas diferenças qualitativas (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 57), tal como entre “alma” e “corpo”. Uma vez que, assim, a transição do “físico” ao “psíquico” pode ser pensada em dupla direção (físio-psicologia), podemos compreender que mesmo a funcionalidade do “aparelho inibidor” depende dos valores e perspectivas de uma pessoa. Em última instância, portanto, a possibilidade de deslocar perspectivas é a condição para

todos os impedimentos e libertações do ressentimento. Todavia, não é qualquer ressentido em qualquer momento que possa se libertar de seu ressentimento. Distinguindo entre “tipo aristocrático” e “tipo escravo”, Nietzsche visualiza, no primeiro, uma ascendência (a afirmação da vida) e uma boa constituição fisiopsicológica, de modo que suas perspectivas sempre se alteram; enquanto que, no segundo, uma decadência (a negação da vida) e uma desordem de sentimentos, de modo que uma perspectiva torna-se dominante e tenta impedir sua variação. Aparentemente, portanto, apenas o “tipo aristocrático” poderia se libertar do ressentimento. Todavia, esses tipos não dizem respeito a indivíduos singulares, mas a *figuras culturais, tipos psicológicos* (GIACCOIA, 2001, p. 88), podendo, assim, coexistir numa mesma pessoa. Em *Ecce Homo*, Nietzsche sugere isso ao afirmar a si mesmo como sendo, ao mesmo tempo, ascendente e *décadent* [decadente] (EH, “sábio”, 2). Enquanto o ascendente sempre escolhe os remédios *certos* contra os estados ruins, o *décadent* sempre escolhe os meios prejudiciais (EH, “sábio”, 2). A depender, portanto, de quais sintomas prevalecerem, o ressentido pode tanto se afundar na doença quanto curar a si mesmo. Podemos entender essa prevalência como se fosse o resultado de uma soma, na qual são consideradas as condições específicas de cada vida ao vivenciar sua doença: o que vê, o que ouve, o que vive. É precisamente quando essa soma expressa saúde, quando se é sadio como *summa summarum* [totalidade], que se tem a condição para tomar a si mesmo em mãos e a curar a si mesmo (EH, “sábio”, 2). Em vista de *sua* doença e de *sua* saúde, pode-se, quando *seu summa summarum* for sadio, escolher os remédios certos para a *sua* cura. É precisamente no vivenciar a doença que surge a possibilidade de mudar de perspectiva e, conseqüentemente, de se libertar do ressentimento.

CONCLUSÕES:

O ressentimento, de modo geral, surge após um acontecimento ter sido interpretado como doloroso, a dor gerada ter persistido na consciência e um agente ter sido considerado culpado pelo sofrimento. Para cada uma dessas condições, surge uma possibilidade de impedimento: seja interpretando um acontecimento como não doloroso, seja, tendo-o já assim interpretado, esquecendo-o ou não cedendo à perspectiva da culpa (Cristo, Buda e Nietzsche). Caso o ressentimento não seja impedido, ele começa a envenenar e pode vir a se tornar ímpar. Embora nesses casos o ressentido já se encontra mais debilitado e com o campo de visão mais estreito, ele pode se libertar do ressentimento na medida em que, ao invés de continuar reagindo, se serve do fatalismo russo e cessa o seu contínuo desgaste. De modo geral, há para as diferenças configurações do ressentimento duas possibilidades de impedi-lo e de se libertar dele: tendo o “aparelho inibidor” em funcionamento e podendo mudar perspectivas. Uma vez que, devido à fisiopsicologia nietzscheana, concepções podem influenciar na fisiologia, a funcionalidade do “aparelho inibidor” também depende de valores e perspectivas de cada pessoa. Assim, podemos considerar a capacidade de mudança de perspectivas como sendo a condição fisiopsicologia para poder impedir o ressentimento ou se libertar dele. Todavia, isso apenas pode ocorrer

caso o doente seja sadio enquanto *summa summarum*. Para chegar nessa soma, deve ser somado tudo o que se ouve, vê, vive etc — coisas estas que variam ao vivenciar a doença. Por fim, portanto, enquanto a condição de todo impedimento e/ou libertação do ressentimento é a mudança de perspectiva, as circunstâncias nas quais essa condição pode aparecer para o doente são particulares de cada constituição fisiopsicológica e presentes apenas ao vivenciar a sua própria doença.

METODOLOGIA:

Para que os objetivos fossem atendidos, esta pesquisa foi realizada por meio sobretudo de leituras e análise de textos acerca do “ressentimento” de Nietzsche, em conjunto a seus comentadores. No que diz respeito à bibliografia primária, os textos de Nietzsche foram lidos pela tradução de Paulo César de Souza e cotejados com a versão em alemão organizada por G. Colli e M. Montinari. Acerca da bibliografia secundária, os comentadores que escrevem em inglês ou em alemão foram lidos no original e, quando possível, cotejados com a tradução para o português. Para cada temática dentro desta pesquisa foram realizadas dissertações em diálogo com a orientadora, as quais foram pontualmente apresentadas e debatidas com os demais pesquisadores que integram o grupo de estudos.

BIBLIOGRAFIA

- BRUSOTTI, Marco. “Die „Selbstverkleinerung des Menschen“ in der Moderne. Studie zu Nietzsches „Zur Genealogie der Moral“”. In: **Nietzsche-Studien**, vol. 21, no. 1, pp. 81-136, 1992.
- ELGAT, Guy. **Nietzsche’s Psychology of *Ressentiment***: Revenge and Justice in *On the Genealogy of Morals*. New York, Routledge, 2017.
- GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. **Nietzsche como psicólogo**. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2001.
- _____. **Ressentimento e vontade**. Rio de Janeiro, Via Verita, 2021.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia**. São Paulo, Editora Unifesp, 2009.
- NIETZSCHE, F. W. **Digitale Kritische Gesamtausgabe von Nietzsches Werken und Briefen (eKGWB)**. Organizada por Paolo D’Iorio e publicada pela Nietzsche Source. Edição eletrônica: <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>.
- _____. **Ecce homo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- _____. **Genealogia da moral**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- _____. **O Anticristo e Ditirambos de Dionísio**. São Paulo, Companhia de Bolso, 2016.
- PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e o ressentimento**. São Paulo, Humanitas, 2014.
- POELLNER, Peter. *Ressentiment and morality*. In S. May (Ed.), **Nietzsche's On the Genealogy of Morality: A Critical Guide** (Cambridge Critical Guides, pp. 120-141). New York, Cambridge University Press, 2011.